



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

PANIQUE AU VILLAGE / 2009

Há PÂNICO NA ALDEIA

Um filme de: STÉPHANE AUBIER E VINCENT PATAR

REALIZAÇÃO: Stéphane Aubier e Vincent Patar **ARGUMENTO:** Stéphane Aubier, Vincent Patar, Guillaume Malandrin, Vincent Tavier **IMAGEM:** Jan Vandenbussche **Som:** Benoît Biral, Bertrand Boudaud, Valerio Brini, Valène Leroy, Julien Paschal, Fred Piet, Franco Piscopo, Fabien Pochet, Ingrid Simon, Luc Thomas **MÚSICA:** French Cowboy, Dionysos **EFEITO ESPECIAIS:** David Arroyo, Cyril Fernandez, Christophe Lebrun, Tom Mulder, Stefan Rycken, Kosmas Stergiou **ANIMAÇÃO:** Stéphane Aubier, Eric Blessin, Marion Charrier, Gilles Cuvelier, Steven de Beul, Pascal Gérard, Zoé Goetgheluck, Florence Henrard, Marc Nis, Vincent Patar, Olivier Pesch **ADEREÇOS:** Geoffrey Druard, Laurence Gavroy, Laure Marganne, Andre Odwa, Christine Polis, Laurent Talbot, Manu Talbot, Pierre Wilock **MONTAGEM:** Virgile Bage, Arnout Deurinck, Christophe Lebrun, Emilie Morier

PRODUÇÃO: La Parti Productions (Belgica) Made in Productions (Belgica), Mélusine Productions (luxemburgo), Beast Productions (Bélgica) **PRODUTORES:** Xavier Diskeuve, Philippe Kauffmann, Guillaume Malandrin, Adriana Piasek Wanski, Stéphan Roelants, Vincent Tavier, Arlette Zylberberg **CÓPIA:** Digital, cor, legendada em português, 75 min.

ESTREIA MUNDIAL: 21 de maio de 2009 no Cannes Film Festival **ESTREIA COMERCIAL:** 17 de junho 2009 (Bélgica) Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.



O filme PANIQUE AU VILLAGE é a versão cinematográfica de uma série de vinte episódios criada em 2002 na Bélgica pelos mesmos autores, Stéphane Aubier e Vincent Patar, uma dupla conhecida no cinema de animação pelo estilo surrealista e um pouco irreverente, utilizando a técnica *stop-motion*. Foi a primeira longa-metragem de animação integrada na seleção oficial do Festival de Cannes, em 2009.

O núcleo familiar é composto por um cowboy, um índio e um cavalo, que vivem na mesma casa numa pequena vila rural. Inspira-se no género cinematográfico do western, no qual estes protagonistas estão quase sempre presentes. No entanto, estes não são inimigos, mas “irmãos” de eleição.

O cowboy e o índio são impulsivos, trapalhões, e não avaliam as consequências dos próprios erros (a falha na encomenda de tijolos), enquanto o cavalo faz a gestão da casa, conduz o carro, manda respeitar as regras, até toca piano e se apaixona pela professora de música. O cavalo lembra-nos as figuras do pai e da mãe ou dum adulto lá de casa. Apesar de se zangarem pelas trapalhices dos filhos, não deixam de os proteger e admitem que a experimentação e a exploração são fundamentais para a aprendizagem.

Estamos num mundo bizarro e disparatado, com muitos imprevistos e reviravoltas, mas esta estranha família consegue sempre juntar-se e encontrar soluções para reparar os muitos danos, pois trabalhando em equipa qualquer desafio é encarado com muita mais energia e criatividade.

Estes acidentes não são vistos como uma tragédia; sabemos todos que perante qualquer erro que aconteça na nossa vida, tudo se torna mais fácil, se interpretado como uma oportunidade de encontrar soluções criativas. E o “pânico” do título não é para entender de forma angustiante, mas sim como motor de ação cômica e dinâmica, em que os imprevistos são enfrentados com ironia e rapidez de espírito.

A aldeia não tem fronteiras rígidas. As personagens saem da cozinha e na imagem a seguir já estão no centro da Terra; dos glaciares do Polo Norte passam para as profundezas do oceano. Esta fluidez entre um espaço e o outro é o que acontece também nas brincadeiras de quando somos crianças. O nosso quarto torna-se uma astronave ou um oceano cheio de tubarões num instante. Esta passagem entre realidade e fantasia é alimentada pela nossa imaginação e não tem limites físicos nem geográficos. As histórias que se inventam nem sempre têm de seguir uma lógica convencional. Também pode ter situações absurdas sem correspondência com a realidade (o vizinho e irritável fazendeiro Steven, é casado com a ursa Janine! O cavalo toca piano etc.), mas os protagonistas continuam agindo com a maior naturalidade do mundo, focados em resolver problemas absurdos com soluções ainda mais absurdas. Estamos no mundo da pura fantasia e do *non-sense*.

As personagens são literalmente bonecos de plástico (com aquela base achatada nos pés), parecidos com clássicos soldadinhos ou animais da quinta. Eles são rígidos e não dobram nem os braços nem as pernas. Não andam naturalmente, mas baloiçam de um lado para outro. Quando falam não abrem a boca, mantêm a expressão facial congelada o tempo todo.

Os realizadores fabricaram cerca de mil e quinhentos estatuetas diferentes. Cada personagem tinha dezenas de cópia idênticas, mas cada uma em pose ligeiramente diferente (correndo, pulando, assustado etc.). Assim um boneco podia ser substituído pelo outro a cada fotografia.

O ritmo é frenético e surreal, as personagens falam de forma rápida, gritam e têm sempre uma boa carga de energia; os movimentos deles são um pouco “brutos” e tudo isso resulta num filme tosco. Estamos longe da animação da Walt Disney ou da Pixar, casas de produção de filmes em digital e com uma imagem muito limpa, realista e perfeita nas cores e nas formas. Aqui, os autores utilizam uma técnica artesanal onde, por exemplo, as colinas verdes e as montanhas foram feitas de papel machê amassado e pintado à mão, usando objetos simples e baratos, sem efeitos especiais, mas com muita fantasia e boas ideias resultando num filme divertido e muito cômico.